

Domingo XXXIV do Tempo Comum-Ano C – 23 novembro 2025

Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo



Viver a Palavra

Ao celebrarmos a Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo com que encerramos o Ano Litúrgico, o nosso olhar volta-se para Jesus, nosso Deus, Rei e Messias. Contudo, para contemplar Jesus como Rei é necessário recordar as Suas palavras: «os reis das nações exercem domínio sobre elas, e os que têm sobre elas autoridade são chamados benfeiteiros. Vós não deveis proceder desse modo. O maior entre vós seja como o menor, e aquele que manda seja como quem serve» (Lc 22,25-26).

Jesus apresenta um novo modo de reinar que não se define pela lógica de domínio, autoritarismo, violência ou despotismo, mas pela capacidade de amar, de ser manso e humilde, numa atitude de serviço que inaugura um Reino Novo de amor, justiça e misericórdia. Por isso, nesta solenidade somos convidados a contemplar Jesus crucificado, contado entre os malfeiteiros, insultado e desprezado por aqueles que dele se aproximam.

A novidade do Reino manifesta-se pelo modo como se apresenta este Rei que não está sentado num trono dourado, não possui faustosas vestes, nem uma coroa de ouro e pedras preciosas. Pelo contrário, foi despojado das suas vestes, o seu trono é o madeiro da Cruz e a sua coroa foi tecida com espinhos.

Aquele que S. Paulo nos descreve na Carta aos Colossenses como «*a imagem de Deus invisível, o Primogénito de toda a criatura*», Aquele através do qual «*foram criadas todas as coisas no céu e na terra, visíveis e invisíveis*», foi condenado à morte e está pregado numa cruz como um malfeitor. Mas, precisamente aqui, reina de um modo absolutamente novo, porque assume a natureza humana até às suas últimas consequências, atravessando o limiar do sofrimento e da morte porque «*aprouve a Deus que n'Ele residisse toda a plenitude e por Ele fossem reconciliadas consigo todas as coisas, estabelecendo a paz, pelo sangue da sua cruz, com todas as criaturas na terra e nos céus*».

A Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo foi instituída pelo Papa Pio XI em 1925. Depois da primeira grande guerra, em tempos marcados pela violência e pela falta de esperança. O papa Pio XI quer recordar aos cristãos que as desventuras e desgraças deste mundo são passageiras e não podem reinar sobre nós. Só Jesus, Rei do Universo, pode reinar sobre nós, pois Ele testemunha com a sua própria vida que o sofrimento e a morte não têm a última palavra. Só o amor pode reinar para que um mundo novo possa despontar e o Reino de Deus se possa estabelecer entre nós.

O Filho de Deus, Messias e Senhor, reina pela capacidade de se entregar, de se dar todo e até ao fim, para que cada homem e cada mulher possam encontrar Nele a fonte da Sua esperança. Na verdade, aqueles que olham o crucificado acusam-no de não se salvar a si mesmo. Mas Jesus não veio para se salvar a si mesmo, veio para cumprir a vontade do Pai, salvando e redimindo a humanidade inteira.

Por isso, contemplando Jesus Crucificado, nosso Rei e Senhor, somos convidados a contemplar Jesus como aquele malfeitor que não interroga a Cruz, mas se deixa interrogar por ela e clama: «Jesus, lembra-Te de Mim,

quando vieres com a tua realeza». Este condenado como afirma S. João Crisóstomo em Jesus Crucificado encontra a porta da salvação: «este ladrão roubou o paraíso. Ninguém antes dele ouviu uma promessa semelhante: nem Abraão, nem Isaac, nem Jacob, nem Moisés, nem os profetas, nem os apóstolos. O ladrão entrou à frente deles todos. Mas também a sua fé ultrapassou a deles. Ele viu Jesus atormentado, e adorou-o como se estivesse na glória. Viu-o pregado a uma cruz, e suplicou-lhe como se o tivesse visto no trono. Viu-o condenado, e pediu-lhe uma graça como se faz a um rei. Ó admirável malfeitor! Viste um homem crucificado, e proclamaste-o Deus!».in Voz Portucalense.

Concluímos com a **Festa de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo** em 23.11.2025 o Ano Litúrgico – Ano C – onde fomos acompanhados pelo evangelista Lucas. Tendo em vista a formação bíblica dos fiéis e a importância do conhecimento da Sagrada Escritura como Palavra que ilumina a vida dos batizados, o contexto do Ano Litúrgico pôde ser acompanhado como uma oportunidade para um encontro ou até vários encontros, sobre o Evangelista deste ano litúrgico.

Como se diz acima, durante **todo este ano litúrgico – 2024/2025** -, acompanhámos o evangelista **Lucas** em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação complementar, foi, certamente, oportuna a proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Lucas.

E fizemos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficou disponível um texto sobre o evangelista Lucas. Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos – Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura. ~

A partir do próximo Domingo – 30.11.2025 – iniciaremos um novo Ano Litúrgico (o ANO A) com o I Domingo do Advento. Iremos acompanhar o evangelista Mateus

LEITURA I = 2Samuel 5.1-3

Naqueles dias.

**Naqueles dias,
todas as tribos de Israel**

foram ter com David a Hebron e disseram-lhe:

«Nós somos dos teus ossos e da tua carne

Já antes, quando Saul era o nosso rei.

erás tu quien dirigía

E o Senhor disse-te:

“Tu apascentarás o me

“Tu serás rey de Israel”».

Todos os anciãos de Israel foram à presença do rei, a Hebron.

O rei David concluiu com eles uma aliança.

CONTEXTO
O Livro de Samuel (dividido em duas partes – 1Samuel e 2Samuel) situa-nos no período histórico que vai de meados do séc. XI a.C. até ao final do reinado de David (972 a.C.). Depois de apresentar diversas tradições históricas relativas ao período pré-monárquico (o tempo da instalação e da consolidação das tribos do Povo de Deus na terra de Canaan – cf. 1 Sm 1,1 – 7,17), narra-nos o início da experiência monárquica (eleição do rei Saul, os seus feitos militares, a derrota de Saul às mãos dos filisteus – cf. 1Sm 8,1 – 15,35) e a ascensão do rei David ao trono de Israel e de Judá (cf. 1Sm 16,1 – 2Sm 5,25). Na parte final da obra, o autor deuteronomista oferece-nos um conjunto de tradições sobre a realeza davídica (2Sm 6,1 – 24,25), incluindo o longo e conturbado processo de sucessão de David.

Por volta do ano 1007 a.C., o reino de Saul (que agrupava as tribos instaladas no Norte e no centro da terra de Canaan) sofreu um rude golpe, com a morte do rei e de Jónatas (filho e natural sucessor de Saul) às mãos dos filisteus, numa batalha travada junto do monte Guilboá (cf. 1Sm 31). Por esta altura, em contrapartida, David já reinava (desde 1012 a.C.) sobre as tribos instaladas no sul do país (cf. 2Sm 2,1-4).

Ishboshet, um outro filho de Saul, foi escolhido para suceder a seu pai no trono de Israel; e ainda reinou dois anos sobre as tribos do Norte e do centro (cf. 2Sm 2,8-11). Contudo, acabou por ter a oposição de Abner, chefe dos exércitos do Norte, que ofereceu a David a autoridade sobre as tribos que formavam o reino de Saul (cf. 2Sm 3,12-21). Abner foi, entretanto, assassinado por Joab, general de David (cf. 2Sm 3,26-27). Pouco depois, também Ishboshet, o filho de Saul, foi assassinado (os teólogos deuteronômistas, responsáveis pela redação do livro de Samuel, garantem, no entanto, que David não teve nada a ver com esses atos violentos – cf. 2Sm 3,28-39; 4,1-12). Finalmente, os anciãos do Norte – apostados em encontrar uma liderança forte que lhes permitisse

resistir à pressão militar dos filisteus – decidiram propor a David que, além de ser rei de Judá, no Sul, também aceitasse dirigir os destinos das tribos do Norte e do centro.

É diante deste quadro histórico que a leitura de hoje nos coloca. David está em Hebron, o lugar onde está instalada a capital das tribos do sul. É aí que, pelo ano 1005 a.C., os representantes das tribos do Norte e do centro se encontram com David e o convidam a reinar sobre todo o Israel. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- Porque é que, na Solenidade de Jesus Cristo, rei do universo, a liturgia nos traz a memória de David, o rei ideal de Israel e de Judá? Porque a catequese cristã sempre viu em Jesus o “ungido de Deus” (o “Messias”), o descendente de David que Israel esperava ansiosamente para ocupar o trono de seu pai e inaugurar uma época nova de felicidade e de paz sem fim. De facto, depois de ter recebido o batismo no rio Jordão e de ter sido ungido pelo Espírito (cf. Mc 1,9-11), Jesus apareceu na Galileia a anunciar a chegada do “Reino de Deus” (cf. Mc 1,14-15), uma realidade que Ele parecia ligar à Sua pessoa e à Sua atividade. Durante o tempo em que andou pela Galileia e pela Judeia, Jesus evitou que o vissem como “rei” para evitar equívocos perigosos; mas, nos últimos instantes da sua vida, quando estava a ser interrogado pelo governador romano Pôncio Pilatos, Jesus admitiu a sua realeza (cf. Mc 15,2; Jo 18,33-38). Talvez hoje, no entanto, o título de “rei” nos pareça pouco adequado para “colar” à pessoa de Jesus. Para nós, o que significa dizer que Jesus é “rei”? Imaginamo-lo à imagem dos reis que presidem aos destinos dos povos e que desenham a história das nações? Até que ponto vemos em Jesus a nossa referência e estamos dispostos a deixar-nos conduzir por Ele?
- A escolha de David para reinar sobre as tribos que constituíam o antigo reino de Saul pareceu, aos anciãos de Israel que se apresentaram em Hebron, uma escolha óbvia, do ponto de vista humano e político. No entanto, a catequese de Israel vai mais além e faz questão de lembrar que David é o “escolhido de Javé”, aquele que Deus designou para “apascentar” o seu povo. Na Bíblia deparamo-nos a cada passo com a ideia de que Deus chama pessoas, confia-lhes determinadas tarefas, age através delas para moldar a história dos homens e concretizar o seu projeto de salvação. Nós também fazemos parte desta história. Como fez com David, também a nós Deus chama para desempenhar uma determinada missão no mundo. Estamos conscientes disso? Como encaramos e como concretizamos a missão que Deus nos confiou? *in Dehonianos*.

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 121 (122)

Refrão: Vamos com alegria para a casa do Senhor.

Alegrei-me quando me disseram:

«Vamos para a casa do Senhor».

Detiveram-se os nossos passos
às tuas portas, Jerusalém.

Jerusalém, cidade bem edificada,
que forma tão belo conjunto!

Para lá sobem as tribos,
as tribos do Senhor.

Para celebrar o nome do Senhor,

segundo o costume de Israel;

ali estão os tribunais da justiça,
os tribunais da casa de David.

LEITURA II – Colossenses 1,12-20

Irmãos:

Damos graças a Deus Pai,
que nos fez dignos de tomar parte
na herança dos santos, na luz divina.

Ele nos libertou do poder das trevas
e nos transferiu para o reino do seu Filho muito amado,
no qual temos a redenção, o perdão dos pecados.

Cristo é a imagem de Deus invisível,
o Primogénito de toda a criatura;

Porque n'Ele foram criadas todas as coisas

no céu e na terra, visíveis e invisíveis,

Tronos e Dominações, Principados e Potestades:

Ele é anterior a todas as coisas

e n'Ele tudo subsiste.

Ele é a cabeça da Igreja, que é o seu corpo.

Ele é o Princípio, o Primogénito de entre os mortos;

em tudo Ele tem o primeiro lugar.

Aprouve a Deus que n'Ele residisse toda a plenitude

e por Ele fossem reconciliadas consigo todas as coisas,

estabelecendo a paz, pelo sangue da sua cruz,

com todas as criaturas na terra e nos céus.

CONTEXTO

Colossos era uma cidade da Frígia (Ásia Menor), situada a cerca de 180 quilómetros a Este de Éfeso, no vale do rio Lico. Tinha sido, em tempos mais recuados, uma cidade rica e populosa; mas, no tempo de Paulo, tinha perdido a sua antiga importância e estava reduzida a uma pequena povoação.

A comunidade cristã dessa cidade não foi fundada por Paulo, mas por Epafras, discípulo de Paulo e colossense de origem (cf. Cl 4,12). A maior parte dos membros da comunidade eram de origem pagã; mas havia também alguns de origem judaica.

A carta aos Colossenses terá sido escrita numa altura em que Paulo estava na prisão (provavelmente em Roma). Estaríamos entre os anos 61 e 63. Epafras visitou Paulo e levou-lhe notícias pouco satisfatórias sobre a comunidade cristã de Colossos. Alguns “doutores” locais (talvez membros de um movimento de índole sincretista, que misturava cristianismo com elementos de religiões místicas em voga no mundo helenista) proponham aos Colossenses um sistema religioso que incluía, além do Evangelho de Jesus, práticas ascéticas rigorosas, prescrições sobre os alimentos (cf. Cl 2,16.21), doutrinas especulativas sobre os anjos (cf. Cl 2,18), celebrações que não faziam parte do universo cristão (cf. Cl 2,16). Na opinião desses “doutores”, tudo isto devia comunicar aos crentes um conhecimento superior dos mistérios e uma maior perfeição. Paulo desmonta toda esta confusão doutrinal e afirma que nenhum destes elementos tem qualquer importância para a salvação: Cristo basta.

O texto que hoje nos é proposto deve ser enquadrado nesta perspetiva. Inclui um hino de duas estrofes, que provavelmente Paulo tomou da liturgia cristã primitiva, mas que está perfeitamente integrado no conteúdo geral da carta. Este hino cristão de inspiração sapiencial celebra a grandeza universal de Cristo. *in Dehonianos*.

INTERPELAÇÕES

- Existem questões decisivas que, mais tarde ou mais cedo, se nos colocam: como dar significado pleno à nossa existência? Como construir uma vida que valha a pena? Por que caminhos devemos andar, na viagem da vida, para não ficarmos atolados em becos sem saída? O que é que é essencial e o que é que é secundário, quando se trata de definir o eixo fundamental da nossa existência? Os cristãos de Colossos também se debatiam com estas questões; e, na sua ânsia de encontrar respostas, abriam portas a doutrinas estranhas e a propostas incompatíveis com o Evangelho de Jesus. Hoje, em pleno séc. XXI, numa altura em que vivemos “em rede” e somos confrontados a cada instante com mil e uma propostas e sugestões, esta questão adquire uma particular relevância. Confundidos e baralhados por tanta informação, tornamo-nos permeáveis a propostas mais ou menos excêntricas, mais ou menos esotéricas, mais ou menos ecléticas, por vezes pouco condizentes com a pureza e a autenticidade da proposta cristã. Por outro lado, muitos cristãos continuam a colocar a sua esperança de realização em “poderes”, em figuras, em superstições, em instituições, em rituais “mágicos”, que não libertam e que não ajudam a encontrar caminhos de plena realização. Como nos situamos face a isto? Procuramos definir claramente, em coerência com a nossa fé, o caminho que devemos seguir?
- A festa de Cristo Rei celebra, antes de mais, a soberania e o poder de Cristo sobre toda a criação. Neste contexto, o autor da Carta aos Colossenses lembra-nos que, em Cristo, Deus revela-Se; que Ele tem a supremacia e autoridade sobre todos os seres criados; que Ele é o centro de todo o universo e que tudo tende e converge para Ele... Isto equivale a definir Cristo como o centro da vida e da história, a coordenada fundamental à volta da qual tudo se constrói. Cristo tem, de facto, esta centralidade na vida dos homens e mulheres do nosso tempo, ou há outros deuses e referências que usurparam o seu lugar? Quais são esses outros “reis” que ocuparam o “trono” que pertence a Cristo? Esses “reis” trouxeram alguma “mais-valia” à vida dos homens, ou apenas criaram escravidão e desumanização? O que podemos fazer para que a nossa sociedade reconheça em Cristo o seu “rei”? Cristo é o centro, a referência fundamental à volta da qual a nossa vida se articula e se constrói? O que é que Cristo significa para nós, não em termos de definição teórica, mas em termos existenciais?
- A Festa de Cristo Rei é, também, a festa da soberania de Cristo sobre a comunidade cristã. A Igreja é um corpo, do qual Cristo é a cabeça. É Cristo que reúne os vários membros da Igreja numa

comunidade de irmãos que vivem no amor; é Cristo que a todos alimenta e dá vida; é Cristo o termo dessa caminhada que os crentes fazem ao encontro da vida em plenitude. Esta centralidade de Cristo tem estado sempre presente na reflexão, na catequese e na vida da Igreja? Não é verdade que, muitas vezes falamos mais de autoridade e de obediência do que de Cristo, de castidade e de leis canónicas do que do Evangelho, de poder e de direitos da Igreja do que do Reino de Deus que Cristo veio propor? Cristo é – não em teoria, mas de facto – o centro de referência da Igreja no seu todo e de cada uma das nossas comunidades cristãs em particular? Não damos, às vezes, mais importância às leis feitas pelos homens do que a Cristo? Não há, tantas vezes, “santos” e “santinhos” que assumem um valor cimeiro na experiência de fé de muitos cristãos, deixando em plano secundário Cristo e o Seu Evangelho? *in Dehonianos*

EVANGELHO – Lucas 23,35-43

**Naquele tempo,
os chefes dos judeus zombavam de Jesus, dizendo:
«Salvou os outros: salve-Se a Si mesmo,
se é o Messias de Deus, o Eleito».**
**Também os soldados troçavam d'Ele;
aproximando-se para Lhe oferecerem vinagre, diziam:
«Se és o Rei dos judeus, salva-Te a Ti mesmo».**
**Por cima d'Ele havia um letreiro:
«Este é o Rei dos judeus».**
**Entretanto, um dos malfeiteiros que tinham sido crucificados
insultava-O, dizendo:
«Não és Tu o Messias?
Salva-Te a Ti mesmo e a nós também».**
**Mas o outro, tomado a palavra, repreendeu-o:
«Não temes a Deus,
tu que sofres o mesmo suplício?
Quanto a nós, fez-se justiça,
pois recebemos o castigo das nossas más ações.
Mas Ele nada praticou de condenável».**
**E acrescentou:
«Jesus, lembra-Te de Mim, quando vieres com a tua realeza».**
**Jesus respondeu-lhe:
«Em verdade te digo: Hoje estarás comigo no Paraíso».**

CONTEXTO

Jesus foi preso no jardim das Oliveiras pelos soldados do templo (cf. Lc 22,47-53) numa noite de quinta-feira do mês de Nisan do ano 30. Logo de seguida, foi conduzido pelos soldados ao palácio do sumo sacerdote, onde foi maltratado e insultado durante uma boa parte da noite (cf. Lc 22,63-65). De manhã, Jesus foi apresentado diante de um Conselho de notáveis, formado por anciãos do povo, sumo sacerdotes e doutores da Lei. Os membros do Conselho interrogaram-no e procuraram definir a sua culpa (cf. Lc 22,66-71). Quando acharam que já tinham os dados necessários, fizeram Jesus comparecer diante do procurador romano Pôncio Pilatos. Acusavam-no de sublevar o povo contra César e de se apresentar como o Messias-Rei (cf. Lc 23,1-5).

Pilatos não ficou convencido da culpabilidade do réu (cf. Lc 23,4. 13-16). Tentou, de diversas formas, libertar Jesus; mas, pressionado pelos dirigentes judeus, acabou por ceder e por decretar a condenação de Jesus à morte na cruz (cf. Lc 23,20-25).

O cortejo com os condenados (havia mais dois, além de Jesus – cf. Lc 23,32) saiu do palácio de Pôncio Pilatos e dirigiu-se, através das ruas da cidade, para o local das execuções, uma pequena colina situada fora das muralhas, mas que era um lugar de passagem para os que entravam e saíam da cidade. Dessa forma, todos os que passavam por ali podiam ver o que acontecia a quem afrontava o poder romano. O traçado que Jesus e os outros condenados tinham de percorrer era relativamente curto, talvez de uns quinhentos metros.

Jesus, como os outros condenados, levava às costas uma trave, a trave transversal da cruz. As fontes dizem que Jesus, enfraquecido pela tortura, não conseguiu levar a trave até ao fim. Os soldados, com medo que ele morresse antes de a sentença ter sido executada, tiveram de requisitar um tal Simão de Cirene, um homem que vinha do campo, para carregar a trave que Jesus transportava às costas (cf. Lc 23,26).

Não tardaram a chegar ao Gólgota, o lugar das execuções de Jerusalém. Era um local sinistro. “Gólgota” (do arameu “gulgultá”) significa “lugar do crânio, ou da caveira”. Era uma pequena colina de dez ou doze metros de altura. No cimo dessa pequena colina podiam ver-se, espetados na terra, os paus verticais onde iriam ser penduradas as traves que os condenados transportavam às costas.

Procedeu-se então à crucifixão dos condenados. Despiram-nos, para lhes degradar a dignidade. Depois, os soldados deitaram sortes para ver quem ficava com as vestes dos condenados (cf. Lc 23,34). Estenderam Jesus e os outros dois no chão e pregaram-nos ao travessão lateral pelos pulsos; depois elevaram o travessão com o corpo de cada condenado e fixaram-no no pau vertical. Com cravos, fixaram os pés dos condenados ao pau vertical. Na parte superior da cruz de Jesus havia um letreiro identificando o condenado e dizendo a razão da sua condenação: “o basileus tôn loudaiôn outos” (“este é o rei dos judeus”).

É o final da “caminhada” terrena de Jesus: estamos perante o último quadro de uma vida gasta ao serviço da construção do Reino de Deus. As bases do Reino já estão lançadas e Jesus é apresentado como “o Rei” que preside a esse “estranho” Reino cujos contornos não foram desenhados pelos homens, mas sim por Deus. *in Dehonianos.*

INTERPELAÇÕES

- Faz sentido, em pleno séc. XXI, encerrar o ano litúrgico com a celebração da Solenidade de Cristo Rei do Universo? O título de “rei” que atribuímos a Jesus não será, nestes tempos “democráticos”, um título ultrapassado e com forte conotação ideológica, que nos conviria evitar? Tratar Jesus como “rei” não será pô-lo ao nível dos grandes e poderosos do nosso mundo? Ver em Jesus um “rei” não poderá contribuir para que fiquemos com uma ideia errada d’Ele e do projeto que Ele nos veio propor? Todas estas perguntas são legítimas; mas convém desde logo ter em conta que o próprio Jesus, questionado por Pilatos sobre a sua realeza, confirmou que era “rei” (cf. Lc 23,3). Na versão do evangelista João, Jesus diz mesmo a Pilatos que é um “rei” que veio ao mundo “para dar testemunho da verdade” e que todos os que são da verdade devem escutar a sua voz (Jo 18,37). Sim, podemos celebrar a realeza de Jesus, nós que escutamos a Sua voz, que queremos viver na verdade e que o temos como a referência fundamental à volta da qual construímos a nossa existência. Convém, no entanto, entender a “realeza” de Jesus na perspetiva certa: Ele é um rei que veio oferecer aos homens a verdade que liberta; Ele reina através da força desarmada do amor; o seu estilo é o do serviço simples e humilde; a sua força é a que resulta da misericórdia e do perdão; o trono de onde Ele exerce o seu poder é a cruz onde oferece a sua própria vida em benefício de todos. É dessa forma que vemos e entendemos a “realeza” de Jesus? Estamos dispostos a fazer desse “rei” a nossa referência?
- Ao longo do seu caminho pela história a Igreja nem sempre entendeu bem a realeza de Jesus. Julgou, em diversos momentos, que essa realeza lhe dava um mandato para se impor, para dominar, para condenar, para coagir, até mesmo para matar. Montou estruturas decalcadas dos impérios; enviou exércitos para combater os “infiéis”; impôs conversões forçadas; condenou e queimou muitos “diferentes” que não se reviam na “ordem cristã” ou que tinham uma visão do mundo e da fé não coincidente com a da hierarquia... É evidente que temos de olhar para muitos desses “equívocos” como “datados”, como acontecimentos que devem ser vistos e avaliados à luz de um determinado contexto histórico. No entanto, em pleno séc. XXI faz sentido perguntar: já nos livramos de toda essa mentalidade triunfalista, inquisitiva, intolerante, do espírito de cruzadas e de guerras santas contra o mundo e contra os que não pensam como nós? Faz sentido, depois de o nosso “rei” se ter apresentado ao mundo no trono da cruz, reivindicar dos poderes políticos honras e privilégios para a Igreja nascida de Jesus? Necessitamos de continuar a reproduzir, na Igreja, as estruturas de poder que a sociedade cultiva e que funcionam segundo lógicas que nem sempre coincidem com os valores do Evangelho? O que pensamos de tudo isto?
- A maneira como Jesus exerce a sua realeza sobre o mundo e sobre os homens poderá também deixar-nos uma poderosa interpelação sobre o nosso estilo de vida, os valores que privilegiamo, a forma como nos situamos diante dos nossos irmãos. O silêncio digno daquele “rei” pregado na cruz, despojado das suas vestes, abandonado pelos amigos, que sofre sem revolta as zombarias dos líderes judaicos e os insultos dos soldados, não faz parecer absolutamente ridículas as nossas pretensões de honras, de títulos, de aplausos, de reconhecimentos, de vaidades pessoais? A atitude daquele “rei” que, por amor aos seus irmãos, oferece a sua vida até à última gota de sangue, não constitui uma denúncia eloquente das nossas manias de grandeza, das nossas invejas mesquinhas, das nossas rivalidades, das nossas ambições desmedidas, das nossas vaidades estúpidas, dos nossos egoísmos estreitos e cegos? Diante deste “rei” que se dá completamente, sem guardar nada para si, não nos sentimos convidados a fazer da vida um dom a Deus e aos irmãos que caminham ao nosso lado?
- É extraordinário que, de entre todos os que estavam presentes no momento da crucificação de Jesus, só um “malfeitor” tenha visto naquele justo que todos desprezaram, “o rei dos judeus”. É admirável que só um “malfeitor” condenado à morte tenha entendido o mistério daquele justo que ofereceu a vida por amor e que, amando até às últimas consequências, libertou os seus irmãos da violência, da injustiça, da mentira, das trevas, da morte. É singular que só um “malfeitor” em fim de

linha, prestes a ser eliminado por uma sociedade que o considerara irrecuperável, tenha percebido que, do martírio daquele justo, ia nascer um mundo novo, um reino de justiça, de amor e de vida. Porque é que, tantas e tantas vezes, são os mais distantes que melhor compreendem Jesus e o seu mistério? Porque é que tantas e tantas vezes são os mais “improváveis” que entendem e abraçam os desafios que Jesus deixa ao mundo e aos homens? Nós, que há tanto tempo caminhamos atrás de Jesus e que nos dizemos seus discípulos, já percebemos o Seu mistério? Estamos disponíveis para viver ao estilo de Jesus e para colaborar com Ele na construção do Reino de Deus?

- O evangelista Lucas convida-nos, na Solenidade de Cristo Rei do Universo, a olhar para a cruz onde agoniza Jesus, o “rei dos judeus”. Contemplar a cruz onde se manifesta o amor e a entrega de Jesus significa assumir a mesma atitude que Ele assumiu e solidarizar-se com aqueles que são crucificados neste mundo: os que sofrem violência, os que são explorados, os que são excluídos, os que são privados de direitos e de dignidade. Olhar a cruz de Jesus significa denunciar tudo o que gera ódio, divisão, medo, em termos de estruturas, valores, práticas, ideologias; significa evitar que os homens continuem a crucificar outros homens; significa aprender com Jesus a entregar a vida por amor... Viver deste modo pode conduzir à morte; mas o cristão sabe que amar como Jesus é viver a partir de uma dinâmica que a morte não pode vencer: o amor gera vida nova e introduz na nossa carne os dinamismos da ressurreição. A contemplação da cruz de Jesus leva-nos ao compromisso com a transformação do mundo? A contemplação da cruz de Jesus faz com que nos sintamos solidários com todos os nossos irmãos que todos os dias são crucificados e injustiçados? A contemplação da cruz de Jesus dá-nos a coragem para lutarmos contra tudo aquilo que gera sofrimento e morte, mesmo que isso implique correr riscos, ser incompreendido e condenado? *in Dehonianos.*

Para os leitores

A **primeira leitura** é breve e de fácil proclamação, pede-se apenas o cuidado na pronúnciação da palavra «Hebron».

A **segunda leitura** exige uma acurada preparação porque é um texto com frases longas e diversas orações, mas também porque é um texto de grande densidade teológica. Este texto requer uma leitura calma e cuidada nas pausas e respirações e com atenção para algumas expressões como «visíveis e invisíveis» e «Principados e Potestades». Uma leitura apressada impede a correta compreensão das palavras.